

Michel Tasky lança "Um malandro em Paris"

Belga naturalizado brasileiro, o cantor e compositor Michel Tasky mora no Rio de Janeiro há quase 25 anos e está lançando o seu terceiro disco. "Um malandro em Paris" (independente, distribuído pela Tratore) reúne dez músicas, com arranjos dos craques Leandro Braga, Eduardo Neves, Alexandre Caldi, Guto Wirtti, Lucas Porto, Luís Barcelos, Jayme Vignoli, Fernando Leitzke, Thiago da Serrinha e Rafael Mallmith, que também assina a direção musical da bolacha.

"Esse repertório é fruto de uma pesquisa sobre sambas que mencionam a França ou brincam com o francês nas suas letras. Já cantava parte dessa seleção, mas resolvi aprofundar, inserindo uma roupagem de gafeira contemporânea e retrô, e acrescentei inéditas de minha autoria. Contei com dez arranjadores de renome, todos músicos de primeira linha, além do time maravilhoso que me acompanhou em estúdio. Destaco também a arte gráfica do jovem Yuri Reis, cujas ilustrações complementam este projeto. Esse CD me representa!", celebra Michel.

Michel veio da Bélgica já sabendo tocar piano, e, nos últimos anos, aprendeu a empunhar cavaquinho, pandeiro e acordeon. Na Escola Portátil de Música, estudou repertório de samba durante quatro anos. O que era hobby virou assunto sério, desbravado no bacharelado em MPB da UniRio, onde estudou arranjo, prática de conjunto e orquestra.

Há tempos a carreira artística corre em paralelo à de economista/sanitarista. O então executivo Michel aterrissou aqui em 1993 usando o outro sobrenome, Lotrowska, com a missão de implantar projetos da ONG Médicos Sem Fronteiras no país. Apaixonou-se pelo samba e, desde então, é figurinha fácil nas melhores rodas da cidade. Já lançou "Accord D'accord" (independente, 2001), com versões de MPB em francês, e "Deu samba" (Seven Music, com distribuição da Universal Music, 2007), no qual interpreta só sambas antológicos.

"Um malandro em Paris" pelas tintas do jornalista Hugo Sukman:

Como quase todo bom cantor francês, Michel Tasky não é francês. Está na companhia do armênio Charles Aznavour, do italiano Yves Montand, do egípcio de origem grega Georges Moustaki ou de Henri Salvador, que afinal nasceu na nossa vizinha, ainda que francesa, Guiana. Michel é belga, como Jacques Brel. Neste sentido, ele é tão falso francês como qualquer compositor malandro que tascasse (sem trocadilho) num samba um "pra cima de moá", um "vamos lá no meu chatô", um "deixa de chiquê", tudo legítima gíria carioca. Com a vantagem de ser legitimamente bilíngue, malandro nas duas bossas.

Na verdade, samba "francês" é quase um gênero em si, existe desde que existe samba e é praticado por nossos maiores cantores e compositores. Em "Um malandro em Paris", Michel prova isso e vai achar no repertório da nossa primeira grande cantora, Araci Cortes, um "Tem francesa no morro", obra-prima seminal de Assis Valente na qual, já em 1932 resume tal relação em um verso louco nas duas línguas e em nenhuma: "Si vous fréquentez macumbe entrez na virada e fini pour sambá". Mostra que os gênios da música brasileira também se dedicam a tal gênero: Nei Lopes com seu samba de breque "A neta da madame Roquefort" dá uma aula do palavreado francês imiscuído na fala carioca ("sua garçonnière tem bufê, étagère e um lindo sumier/Só tem filé mignon, maionese, champignon, champanha e vinho rosé/Do bom Chateau Duvalier, que é o que tem melhor buquê..."); enquanto Chico Buarque, sobre melodia igualmente bilíngue de Francis Hime, acha em "Canção de Pedra" (feita para a peça "O rei de Ramos", de Dias Gomes, e imerecidamente desconhecida) rimas raras nas duas línguas, bem ao seu feitio ("Cascadura é Rive Gauche/O Mangue é o Champs-Élysées/Até mesmo um bate-coxa/Faz lembrar um pas-de-deux/Purê de batata roxa/Parece marrom glacé").

Em sua inestimável pesquisa, Michel reabilita uma dupla especialista no assunto, Denis Brean e Blota Jr. que forneceu às irmãs Batista, Dircinha ("La vie en samba") e Linda ("Um malandro em Paris") dois deliciosos sambas franceses. E redescobre, nesta linha, o maior sucesso autoral da cantora Marília Batista, grande intérprete de Noel, o surpreendente "Menina fricote", que quando fica gripada "em vez de atchim, ela faz atchém e diz que o au-au é le chien".

Mas além do repertório que vai fundo e foge do óbvio, a grande malandragem de Michel é provar que essa onda continua. Seja num samba contemporâneo que não fica nada a dever, "Partiu", de Mauricio Carrilho e do jovem Vidal Assis (de versos no entanto de malandro antigo, "A moça riuse em francês/Pra frustração de moi") ou no seu próprio surpreendente trabalho autoral, uma ponte inédita na história do samba entre Rio, Paris e sua Bruxelas natal, como na bilíngue "Rio, te amo" ou no verdadeiro achado que é o "Jongo da liberdade", a associação do 13 de maio, a data nacional brasileira pela libertação dos escravos com o 14 de julho, a data nacional francesa de celebração da liberdade.

Falso francês, mas artista de verdade, da música francesa Michel foi malandro e pegou a leveza e o humor. Do samba, a bossa, o lirismo e a inteligência. Da música carioca contemporânea, a qualidade dos arranjos (um arranjador para cada música, verdadeira seleção brasileira). Sai um disco que, não sei não, em outros tempos dava até Prêmio Molière. Ou pelo menos a vontade de flunar por aí, por Rio, Paris e, vá lá, Bruxelas, assobiando uma nova melodia.